



# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.  
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

Um grande Santo, que foi ao mesmo tempo um altíssimo gênio, disse um dia uma palavra estupenda, uma destas palavras que fazem fortuna e os séculos não se cansam de repetir:

— *Regnum Galiae Regnum Mariae!*

E S. Bernardo, — pois dele precisamente se trata, — ainda estava a seis séculos pouco mais ou menos de Lourdes, onde Nossa Senhora, sob uma forma tão

## TERRAS DE SANTA MARIA

### ACÇÃO CATÓLICA

## NOSSA SENHORA PEREGRINA

Vivem-se ainda as fortes e altas emoções despertadas pela presença da veneranda Imagem de Nossa Senhora de Fátima em terras do Patriarcado, e especialmente na Capital do Império, que apoteoticamente a recebe.

Na roda do ano, milhões de peregrinos devotamente a visitam, na sua Capelinha da Cova da Iria. Agora fez-se Ela Peregrina e, durante um mês, andou em visita pastoral, acordando consciências adormecidas, avivando o fogo da fé, por toda a parte espalhando bênçãos copiosas.

Em cada povoação, por onde a Imagem passou, os elementos da Acção Católica timbraram em prestar o culto da sua devoção à Celeste Padroeira, e dedicadamente se puseram ao serviço das Comissões, encarregadas de preparar as manifestações de amor e de gratidão, que Nossa Senhora merece.

Foi altar o coração de cada católico, e até muitos que habitualmente passam a vida sem preocupações religiosas, sentiram re-ender-se a fé que porventura alumiu e aqueceu os anos da sua infância.

Os elementos da Acção Católica Portuguesa, que têm o dever de bem compreender as graças que a Nossa Senhora são devidas, não podiam deixar de ocupar postos da frente, nas homenagens de reconhecimento e de penitência que jubilosa e corajosamente se viveram.

A Padroeira da Nação maternalmente tem velado por nós. Nos últimos anos, os portugueses sentiram impressionadamente a protecção da Senhora, que a três Pastorinhos confiou a Mensagem dirigida a Portugal e, por Portugal, a todo o mundo.

Dia a dia, mais claro se torna o caracter universal da celestial Mensagem. Já quase não há recanto da terra, aonde não tenha chegado o eco das aparições de Fátima. Por elas Portugal se torna conhecido em remotas regiões. Por elas se vai despertando o fogo sagrado da fé cristã.

A Acção Católica reconhece jubilosamente os favores que a Nação deve à Senhora, os favores que lhe deve todo o mundo.

Mas reconhece também as graças que por Ela são concedidas ao seu apostolado. Os Bispos de Portugal devotamente colocaram a Acção Católica, sob a protecção de Nossa Senhora de Fátima. Sem essa protecção, já porventura se teria malogrado a nova cruzada da recristianização de Portugal.

A Senhora fielmente tem cumprido.

Ai do Movimento, se os seus associados, por sua vez, não cumprirem as obrigações para com a Senhora. Obrigação de fé, cada vez mais intensa e mais esclarecida; obrigação de amor, em cada dia mais forte e mais apostólico; obrigação de reconhecimento, sempre dedicado e fervoroso.

Nas horas ardentes e gloriosas da Peregrinação da Senhora, principalmente em Lisboa, foram dos primeiros no sacrificio e no trabalho.

Pela vida fora, nobremente continuarão no mesmo posto de sacrificio.

E o seu apostolado, reflexo sobrenatural de fé ardente e generosa, será fecunda sementeira de luz.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

graciosa, com uma auréola de estrelas a cingir-lhe a virginea, imaculada fronte, com um manto da cor do céu, com um rosário de pérolas à cintura, com duas rosas vermelhas nos seus pés descalços, levantou por assim dizer o seu tronco na terra e dá audiência ao dois mundos. Se ele o adivinhasse, se ele o soubesse, como levantaria ainda mais a voz e bradaria ao alto-falante:

— *Regnum Galiae, Regnum Mariae!*

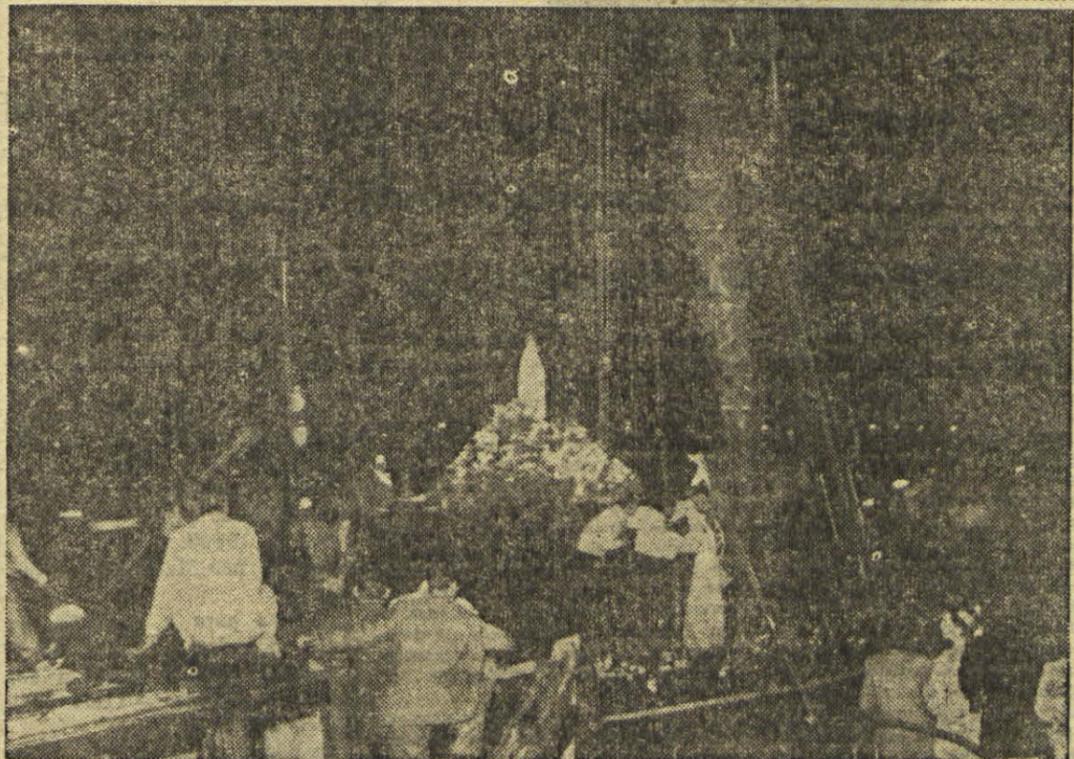
Mas nós, desde o principio da nossa existência nacional, e sobretudo agora, no auge, não poderíamos porventura clamar no

quer de devotos, por mais numerosa e mais luzida que ela se possa imaginar, mas quer-nos a todos, sem excepção de um só, aos seus pés, aos dois lados do seu coração.

Pois não é isto o que quer significar aquele velho, não sei dizer se de Almada, se do Barreiro, se da Cova da Piedade, que à passagem da Virgem Santíssima pela sua terra esquece de repente a sua indiferença, a sua mesma hostilidade, e começa a gritar em alta voz por alguém, fôsse padre, criança, fôsse mulher, que lhe ensinasse o Pai-Nosso, como o primeiro degrau, no seu

te a todos, e se para alguns já não chegassem os meios ordinários, os processos comuns, vai mesmo o trovão, vai mesmo o terramoto, mas, que não haja nenhum que não responda à chamada!

Tal é, a meu ver, o significado da romagem inédita da Senhora da Fátima. É realmente um horizonte novo, um panorama inaudito, onde nós nos encontramos de repente, quase sem preparação para isso, admirados de andarmos já a voar pelas imensas alturas como se tivéssemos asas à maneira das águias! E quando no fim esfregámos os



A imagem de Nossa Senhora da Fátima na fragata que a conduziu através do Tejo

mesmo tom do Abade de Clara-val, com a mesma alma com que ele o lançou, o seu grito aos contemporâneos:

— Oh! Terras de Portugal, vós sois as terras de Santa Maria!

Está então visto, por tudo aquilo que os nossos olhos deslumbrados contemplaram, por tudo aquilo que os nossos ouvidos, mal acreditando em si próprios, ouviram, que Nossa Senhora, no meio de nós, já se não contenta com uma coroa qual-

entender, da escada misteriosa que o levasse também a ele, como aos outros, aos braços da Mãe Amorosa?! Pois não é isto o que quer significar Lisboa em péso iluminada, tanto por dentro como por fora, Lisboa a arder às janelas dos prédios, à fachada das almas, nas ruas, nas águas, nos corações?!

Dir-se-ia que a Padroeira tomou a tal ponto a peito o papel que lhe demos na nossa história, na nossa Pátria, que já se não contenta com meias medidas, com qualquer a *peu près*, quer-nos a todos, absolutamen-

olhos, como quem acaba de ter um sonho e perguntámos a nós mesmos se nos apanhou o delírio, sentimos todos, com a frieza das realidades, como quem apalpa o sereno contacto das coisas que os nossos pés tocaram numa terra bendita onde a fortuna nos pôs. E então clamamos, mais alto ainda, do que a voz e o amor de Bernardo:

— Oh! Terras de Portugal, mais do que nunca vós sois hoje as terras de Santa Maria!

Aveiro, 13 de Dezembro de 1946  
† JOÃO EVANGELISTA,  
Arcebispo-Bispo de Aveiro

# Senhora da Aceitação

Quando as garras aduncas da dor se cravam profundamente no nosso coração e cruelmente o apertam num estrangulamento atroz, ó Mãe Santíssima, nós pobres pecadores sempre fracos e imperfeitos deixamo-nos afundar cobardemente na onda avassaladora e perdemos tantas vezes o norte que nos guiava.

Tendo compaixão da nossa fraqueza, ó Mãe, e não nos abandonas à corrente de amargura que nos tira as forças para subirmos o calvário da vida, com a coragem heróica com que Vós o subistes outrora no rasto sangrento de Jesus.

Mãe de todas as dores, Mãe da divina compreensão, Vós sabeis o que é sofrer, Vós compreendeis o desfalecimento que se apodera de nós nas horas angustiosas de tormenta, de desilusão e solidão.

Recebei pois e adoptai no Vosso coração compreensivo e carinhoso, as nossas dores e angústias para que elas se tornem mais suas e suportáveis à nossa fraqueza.

Senhora da Aceitação, que acceitastes no Vosso coração tão terno e sensível a maior Dor para que, sofrendo indizivelmente, fosseis nossa Corredentora, ensinai-nos a aceitar a cruz que nos faz vergar para a terra e nos deixa os ombros em sangue, mas cruz bendita que nos há-de identificar com Jesus Nosso Senhor e Mestre.

Ensinai-nos, Mãe Dolorosa, o segredo magnifico de ficar de pé na hora da provação cruciante e esmagadora, de pé junto da Cruz, no Calvário envolvido em luto e trevas.

Mãe dos Afliitos, escutai as súplicas ardentes dos que sofrem na orfandade, dos que lutam na escuridão porque desviaram o olhar da Vossa estrela bendita.

Vinde de novo ampará-los de encontro ao Vosso peito maternal para que de novo recobrem alento e coragem para permanecerem fiéis ao apelo da Cruz que para eles estende os braços amigos onde Jesus se crucificou por amor de nós.

# Publicações Recebidas

«Vida Claretiana», revista dos PP. do Coração de Maria, publicada em Curitiba, Brasil. O n.º referente a setembro e outubro traz um interessante artigo de J. Alberto Emanhotto C. M. F. intitulado «Duas Devoções Irmãs» O Coração de Maria e o Rosário, referindo-se largamente às aparições da Fátima. Um outro artigo de Geraldo Moreira César C. M. F., trata da consagração do mundo ao Coração I. de Maria e da sua relação com as revelações da Fátima. São ilustrados estes artigos com algumas gravuras e entre elas a da «Altiça fachada» da igreja monumento da Cova da Iria.

«Hino da Acção Católica Portuguesa», da autoria do compositor Maruis Mateo e letra do P.º Moreira das Neves.

«Boletim das Irmãs das Pobres», Campolide, Lisboa; é das publicações mais interessantes e atraentes de quantas se publicam entre nós.

«Revista Eclesiástica de Santa Fé» n.º 8, agosto de 1945, traz o resumo das aparições da Fátima em óptimo artigo do Rev. P.º Miguel Torres, que se intitula «Ante e Mensage de Fátima». Em tal artigo cita umas notáveis palavras de Mons. Casanueva, Reitor da Universidade Católica do Chile que afirmou: «Se há algum acontecimento histórico, pois revestido de todas as circunstâncias que lhe dão a plena certeza da sua verdade, é este sem dúvida (o da Fátima). Por extraordinário e sobrenatural que pareça».

«Horizontes» revista das Congregações Marianas Maseulinas, publicada em Cazaria (Jaén) Espanha.

«Ecos de Maria Auxiliadora», revista dedicada aos cooperadores Salesianos, publica-se em Sevilha, Espanha.

# Livros

que todo o católico deve ter

Jacinta, pelo P. José Galamba de Oliveira, 10\$00.

Fátima à prova, pelo P.º Galamba de Oliveira, 10\$00.

A Acção Católica e a Paróquia, pelo P.º José Galamba de Oliveira, 2\$50.

Examinai a vossa vocação, pelo E.º Cardeal Elias dalla Costa, 7\$50.

LEIRIA — Subsídios para a história da sua Diocese, pelo Dr. Afonso Zúquete, 80\$00.

Porque apareceu Nossa Senhora na Fátima? pelo P.º Carlos de Azevedo, 10\$00.

Contos, por Maria de Freitas, 8\$00.

Pagelas para a Devoção dos Cinco Sábados — Cento, 5\$00.

Pagelas para a Devoção dos Primeiros Sábados — Cada, \$20. Cento, 15\$00.

Namoro e casamento, 1\$50.

Sêde Santos, Meditações, 7\$50.

Manual do Peregrino da Fátima, 6\$00.

Fátima em 65 vistas, 3\$50.

Palavras dum Médico, 1.ª série, 5\$00. 2.ª série, 8\$00.

Estudos Marianos, 25\$00.

Estampas para a consagração das famílias a Nossa Senhora da Fátima. Grandes, 5\$00. Médias, 2\$50; e outras de vários preços, em papel.

Oratória da Fátima, letra e música, 20\$00.

Enviar o dinheiro adiantado. Pelo correio acrescem os portes e embalagem. Pedidos à GRÁFICA — LEIRIA

# PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª Série)  
XXIV

# A Penicilina

Quando, em fins do século passado, frequentava os primeiros anos de medicina, interessei-me tanto pela bacteriologia, que o meu professor nomeou-me aluno interno do Laboratório das clínicas, encarregando-me de olhar pela colecção de culturas de micróbios patogénicos.

Numa estufa quente, estavam numerosos tubos onde viviam, em caldos de cultura, colónias de agentes de muitas doenças infecciosas.

De vez em quando, essas colónias microbianas gastavam as provisões de alimentos, e era preciso passá-las para novos tubos de cultura.

As vezes, as culturas novas não pegavam.

Ao lado das colónias de micróbios patogénicos surgiam colónias de bolores, que inquinavam as culturas daqueles agentes de doenças, e não os deixavam desenvolver.

Isto estava à vista dos olhos de toda a gente — professores, estudantes e empregados menores dos laboratórios. Todos viam que os bolores, dentro desse tubo de vidro, não deixavam viver as bactérias produtoras de doenças.

Mas foi preciso aparecer um homem de génio para formular a seguinte pergunta: se os bolores não deixam desenvolver as bactérias patogénicas dentro de um vidro, não terão a mesma propriedade dentro do nosso corpo? Daí nasceu, ao cabo de inú-

meras pesquisas, a penicilina, maravilhoso remédio, do qual já me ocupei nestas «Palavras» («Voz da Fátima» — 13-VII-44, Vol. II, pág. 163).

Desde então, muito se tem estudado o famoso medicamento, muito se têm fixado os casos em que a sua acção é quase certa.

No princípio, a penicilina era aplicada a torto e a direito, sem se saber ao certo em que doenças ela era eficaz, e quais aquelas em que a sua acção era nula.

Ao contrário de outros medicamentos modernos de grande valor (sulfamidas), mas que não podem ser empregados em pessoas que sofram dos rins ou do fígado, a penicilina parece que pode dar-se, sem inconveniente, a toda a gente e produz efeitos maravilhosamente curativos em muitas doenças agudas microbianas (pneumonias, meningites, infecções puerperais, infecções cutâneas, peritonites, antrazes, feridas infectadas, etc).

Ao contrário do que se anunciava prematuramente, a penicilina não dá resultado no tratamento das febres tifóides, da gripe, da tuberculose, nas seções, na paralisia infantil, no cancro, etc.

Como sucede com todos os medicamentos, velhos ou novos, só o clínico assistente deve ser juiz a respeito da oportunidade, das doses e do modo de aplicação do novo e brilhantíssimo remédio. J. A. Pires de Lima



# Movimento no Santuário

No dia 2, dois sacerdotes da Companhia de Jesus visitaram pela primeira vez o Santuário. Foram eles os Padres Walsh, norte-americano, e Schuette, alemão. O primeiro regressa de Roma, da eleição do Geral, e volta para a diocese de Nova Orleans (America do Norte), o segundo é professor do Instituto Histórico da Companhia de Jesus em Roma, para onde se dirigia. Ambos celebraram missa na Capelinha das Aparições.

No dia 5 principiou o retiro espiritual dos dirigentes da Juventude Católica da diocese de Leiria. Foi conferente o Rev. Cônego Dr. Galamba de Oliveira, assistente da Junta Diocesana da Acção Católica. A assistir a conclusão do retiro e à sessão de estudo veio o assistente diocesano Dr. Manuel Lopes Perdigão.

No dia 8 celebrou-se no Santuário a festa em honra da Imaculada Conceição. Esta festa constou de missa cantada pelos alunos do Seminário das Missões. Cantou a missa um professor do Seminário acolitado por dois sacerdotes missionários da Consolata.

A 12 passou e rezou missa no San-

tuário o Rev. P.º Roger Braun, S. J., de Toulouse, França, Conselheiro espiritual do «Socorro Católico», antigo capelão geral adjunto dos campos de concentração em França. Acompanhava-o o Sr. André Aumonier, Secretário Geral do Centro Católico dos Intelectuais Franceses e Director das Relações Exteriores do «Socorro Católico». Estas duas individualidades católicas da França deslocaram-se a Portugal com o fim de convidar o nosso país a tomar parte nas Jornadas de Estudo que se realizarão em Paris no próximo mês de Março e que reunirão todas as organizações católicas de beneficência do mundo.

14 — A fim de se preparar para receber a Sagrada Ordem de Presbítero, passou alguns dias em retiro espiritual, no Santuário, o Rev. P.º João Evangelista Ribeiro Jorge, acompanhado de um seminarista que irá receber o grau de Diácono. Pertencem ao Seminário de Coimbra.

15 — De Bilbao, Espanha, veio ao Santuário para fazer o seu retiro espiritual o P.º Anjoel Mortá, director da Casa dos Retiros de Begona.

# Ano áureo da Coroação de Nossa Senhora de Fátima

13 de Maio de 1946 a 13 de Maio de 1947

Peçam a este Santuário as medalhas comemorativas da Coroação de Nossa Senhora assinadas pelo escultor João da Silva

# TIRAGEM DA VOZ DA FATIMA

NO MÊS DE DEZEMBRO

Algarve	7.059
Angra	16.681
Aveiro	6.209
Beja	4.973
Braga	42.401
Bragança	6.567
Coimbra	9.419
Évora	3.765
Funchal	9.728
Guarda	9.516
Lamego	7.132
Leiria	10.029
Lisboa	12.774
Portalegre	8.009
Porto	37.151
Vila Real	15.132
Viseu	4.976
	211.521
Estrangeiro	3.539
Diversos	8.910
	223.970

# Contra factos...

...não há argumentos

Mais de 7.000 torneiras de sistema EMBOQUE estão instaladas a provar a sua alta qualidade. Só os incompetentes é que não compreendem a superioridade das torneiras «JAS» São garantidas por 5 anos.



FAZEI COM TEMPO AS VOSSAS ENCOMENDAS

# Rouparia — Meias — Malhas lá

Grandes Saldos!!

NO IMPÉRIO DAS MEIAS

Av. Almirante Reis 173 B. — Lisboa

Lencóis e/ ajour 1,40	33\$80
Lencóis e/ ajour 1,80	42\$10
Combinações opal e/ ajour	19\$26
Parures opal e/ ajour	59\$00
Colotes escócia p.ª senhora	13\$00
Cuecas escócia p.ª senhora	13\$50
Lencinhos cor com ajour	1\$10 e 1\$10
Toalhas turcas tabela	7\$30 e 6\$20 a 3\$96
Toalhas turcas grandes	18\$60 e 14\$06
Toalhas mesa cores e/ 150x150	50\$60
Meias seda saldo não exclusivo	5\$50
Meias seda gase finíssima exclusivo	12\$50
Meias seda escócia saldos p.ª	9\$00 7\$50 e 5\$00
Peúgas p.ª homem saldos p.ª	3\$90 3\$46 e 2\$06
Camisas p.ª homem bons tabela	32\$50
Peúgas lá fortes saldos para	10\$16 7\$90 e 5\$90
Soquetes lá p.ª senhora saldo	6\$70
Colebas bom gorgorão cama casal	50\$00

Provincia e Ilhas enviamos a reembolso Colónias enviamos só e/ créditos a ordem em qualquer Banco de Lisboa

# REVISTA «STELLA»

Esta revista mensal ilustrada é, segundo juízo autorizado do jornal «Novidades», a melhor revista católica feminina de Portugal e, na opinião de um sábio professor da Universidade de Salamanca que percorreu vários países a fim de estudar o problema do jornalismo, é a melhor revista católica feminina da Europa.

Preço da assinatura anual — 25\$00. Dirigir pedidos à Administração da «Stella» — Cova da Iria (Fátima).

# Peregrinação de Dezembro, 13

A peregrinação do dia 13 de Dezembro passado, não teve nada de singular.

O dia esteve ameno, suave, primaveril, mesmo de sol brilhante, ao contrário do dia anterior em que choveu com abundância e, a bem dizer, incessantemente.

O número de peregrinos foi aproximadamente o que costuma ser nos meses de inverno, isto é, apenas alguns poucos milhares. Apesar disso, ocuparam, em massa compacta, dois terços do corpo da Basilica onde se celebrou a Missa dos doentes e se realizaram os demais actos litúrgicos oficiais.

Ao meio-dia, depois da recitação do terço do Rosário feita em comum pela multidão e presidida pelo rev. Mons. Cônego Dr. Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral de Leiria, junto da capela das aparições, onde, na falta da Imagem ali habitualmente venerada, estava entronizada a Imagem da igreja paroquial da Fátima, efectuou-se a primeira

procissão do costume, sendo o andar conduzido aos ombros dos Servitas e de outras pessoas de destaque.

Celebrou o santo sacrifício da Missa o rev. P.<sup>o</sup> Severino, italiano, religioso da Congregação de Nossa Senhora da Consolata, de Turim. Em torno do altar viam-se os alunos do Seminário Missionário de Nossa Senhora da Fátima e os seus superiores e professores que cantaram a Missa *De Angelis*, tocando o órgão o rev. P.<sup>o</sup> Augusto de Sousa, pároco da freguesia da Fátima.

Ao Evangelho, o rev. cônego dr. José Galamba de Oliveira, proferiu a homilia, dissertando sobre o dogma da Imaculada Conceição e os seus fundamentos teológicos.

No fim da Missa, o celebrante procedeu à exposição solene do Santíssimo Sacramento e deu a bênção eucarística aos doentes inscritos que eram pouco numerosos, e depois a todo o povo.

O rev. Vigário Geral de Leiria

pronunciou, durante a bênção dos doentes, as invocações habituais e, antes da segunda procissão com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, anunciou, por ordem do Senhor Bispo de Leiria, o programa da recepção da Imagem de Nossa Senhora que fôra processionalmente conduzida em triunfo até à capital do Império e agora o vinha sendo para a Cova da Iria, por entre homenagens delirantes, numa manifestação de fé e piedade tão assombrosa como jamais se viu.

Terminada a procissão do Adeus, quando o sol declinava já para o ocaso, a multidão de peregrinos começou a dispersar, levando a fé afervorada e a piedade robustecida com a vista de cerimónias tão grandiosas e tão comoventes e ansiosa por voltar brevemente àquela estância bendita de onde se elevam com fervor extraordinário as orações da terra e aonde descem a flux as graças e as bênçãos do Céu.

VISCONDE DE MONTELO

# O PRÉMIO de duas lágrimas

Já lá vão 90 anos — pelo menos a medalha que me recorda o episódio ouvido relatar em criança, mais de uma vez, tem a data de 1856. Mandada cunhar pelo Senhor D. Pedro V, comemora a inauguração do Caminho de Ferro de Leste, de Lisboa até ao Carregado, com a bênção do Senhor D. Guilherme, o Cardeal Patriarca de então, uma das primeiras vítimas da febre amarela que flagelou o reinado do inditoso monarca. Pertenceu essa medalha a meu avô que andou na direcção dos trabalhos da referida linha.

Ora por essa altura — mais ano menos ano — esteve ele gravemente enfermo e uma das características dessa enfermidade era a perda dos sentidos, conservando, contudo por vezes o do ouvido.

Não era ainda casado e, com outro jovem engenheiro, tinham tomado uma pequena vivenda onde eram servidos pelos próprios donos, marido e mulher, que moravam na vizinhança.

Pareciam eles as pessoas mais honradas, mais diligentes, mais bondosas deste mundo e os dois rapazes não cabiam em si de satisfeitos do achado e do conforto que nunca tinham julgado encontrar fora das famílias.

Uma noite em que meu avô justamente caiu nesse estado de espécie de coma, ouvi a mulher dizendo ao marido que acabava de entrar no quarto:

— Está aviado! É tratar-lhe do enterro! Mas antes que o outro volte de Lisboa ou mesmo que cá entre alguém, vamos tratar de pôr algumas coisas no se- guro...

E o homem sem hesitar: — O capote novo, onde está? — Esse já está guardado na dispensa, não te dá cuidado.

— E as botas altas... e a rica manta que costumava trazer no cavalo...

— Levei tudo para limpar, entendes?

— Aquela pasta vale bem uma moeda. Deitam-se os papéis na gaveta e leva-se também para baixo. O relógio também ninguém pode provar que ele o tinha em seu poder...

— Pois! Podia até estar no relógio — um relógio que ninguém conhece...

E riam-se, os desalmados! — A carteira está debaixo do travesseiro, não?

— E a bolsa também. É preciso aliviá-las, que estão bem pesadas...

E das coisas de maior valor passaram a ocupar-se das infi-

mas até que, inesperadamente, o «moribundo» abriu os olhos e recuperou a fala sem que, todavia, mostrasse conhecimento do que acabava de ouvir.

No dia seguinte, à chegada do amigo, meu avô, sem entrar em grandes explicações porque era uma pessoa excepcionalmente cuidadosa em não prejudicar o próximo — nem em palavras nem em actos — pediu-lhe que substituísse os servidores.

Não foi pequeno o espanto do outro que, além do resto, reputava o casal uns excelentes enfermeiros; tão grande, porém, era a sua confiança no espírito de justiça do amigo, que não fez a mais pequena objecção e logo se pôs em campo para encontrar um criado, capaz a todos os respeito.

Coisa difícil era essa, naquele tempo como agora, mas por sorte voltava então do serviço militar para a vila próxima um rapaz que servira como ordenança um amigo dos dois engenheiros a quem o ex-soldado vinha recomendado para qualquer emprego na nova linha férrea.

Meu avô logo sympathizou com o rapaz e mais ainda com a ideia de, simultaneamente, se remediar e corresponder ao pedido que lhe faziam. Era uma solução que não podia ser mais agradável e de que não teve — nem tampouco o companheiro — de se arrepender.

Passou-se algum tempo. Novamente atacado pela mesma doença, meu avô, um dia, ao sentar-se à mesa, e em ocasião também em que o amigo se encontrava ausente, teve uma síncope e caiu no chão, desta vez perfeitamente inanimado.

Ao voltar a si estava delirando na cama, rodeado de botijas quentes, aconchegado como se ali tivesse sua mãe.

Sobre ele inclinava-se o vulto hercúleo do ex-soldado. A ansiedade que se lhe estampava no rosto era o reflexo do seu coração leal e compassivo; pelas faces grosseiras e requemadas duas grossas lágrimas rolavam lentamente.

Então meu avô estendeu a mão para a mesinha de cabeceira onde tinha a bolsa — uma bolsa de retroz que ainda hoje conserva e que fora presente de minha avó, noiva por esse tempo — tirou dela duas reluzentes meias libras e entregou-as ao rapaz, dizendo:

— Toma... São para ti... É o prémio dessas lágrimas...

M. de F.

## GRAÇAS de Nossa Senhora da Fátima

### AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

### NO CONTINENTE

**D. Maria de Matos Ruivo, Alter do Chão,** escreve: «Em novembro de 1944, minha mãe adoeceu gravemente, dando-me o médico poucas esperanças de melhorar.

Chieia de aflicção pedi a Deus a cura da minha mãe, por intercessão de Nossa Senhora da Fátima e dos meus Santos Protectores, prometendo uma esmola e a publicação da graça alcançada. A minha prece foi atendida, e minha mãe foi curada.

### NOS AÇORES

**Manuel Moniz da Silva, Terceira, Alagoas,** tendo uma filha, Florbela, que aos 19 anos lhe foi dito pelo médico ser necessário sujeitar-se a uma intervenção cirúrgica que consistia na amputação de duas costelas; seu pai, outras pessoas de família e amigas recorreram a Nossa Senhora da Fátima fazendo novenas pedindo-lhe a cura. Em poucos dias a menina ficou curada sem fazer a operação. O médico consultado pela doente, negou-se a passar o atestado, como lhe foi pedido, dizendo que a doença voltaria, logo que a encontrasse mais fraca. Tem hoje 34 anos, é casada e já tem dois filhos. Apesar de algumas crises de fraqueza, a terrível doença não tornou a aparecer. Para completo cumprimento do seu voto, vem tornar público o seu agradecimento a Nossa Senhora.

**José Joaquim Alves, Pomares, Pinhel,** funcionário público diz que tendo levado uma injeção no nervo sciático em 31 de Maio de 1931, ficou impossibilitado de andar sem apoio. Fez várias aplicações electricas sem qualquer vantagem. Não contando já com a medicina recorreu a Nossa Senhora da Fátima. Obrigada a abandonar o emprego, regressou à sua terra e volvidos 6 meses encon-

trou-se curado podendo continuar a fazer todo o seu trabalho.

**D. Maria da Conceição Neves, Avanca,** fôl operada em 27 de Fevereiro de 1936 no fígado e apendice, com outras várias complicações. Em Janeiro de 1937 o médico operador, sr. dr. Abel Pacheco, declarou que ao operá-la encontrou um pequeno tumor que então não foi possível extrair em vista da operação ter sido já bastante demorada. Continuou a sentir-se sempre mal. Em Maio de 1937 recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe para não ser operada de novo, fazendo então várias promessas. Principiou a beber água do Santuário da Fátima. Quando em 3 de Julho desse ano o mesmo médico lhe anunciou uma próxima intervenção cirúrgica, recorreu com mais fé a Nossa Senhora, sucedendo que na noite de 3 para 4 de Julho, rebentou o tumor, deitando mais de um litro de pus. Foi de novo para a Casa de Saúde aonde esteve em rigorosa dieta e observação de vários clínicos. Tinha o rim direito em mau estado. Tudo se preparava para a nova operação quando a doente recorreu de novo a Nossa Senhora, pedindo aos médicos que lhe dessem alta pois queria ir morrer em sua casa. Foi-lhe dada alta em 16 de Julho. Pôs de parte todos os medicamentos, confiando já só no auxílio do Céu. Volvidos 15 dias voltou à Casa de Saúde, ficando c. sr. dr. Abel Pacheco admirado das melhoras que a doente experimentara, melhoras que se foram acentuando ficando apenas a usar um cinto para levantar os rins que estavam deslocados. «São passados 3 anos, diz, não voltei ao médico por não ser preciso, estou bem graças a Nossa Senhora, podendo comer de tudo e não sentir que me faça mal, nunca tive tão boa saúde».

**D. Maria Adelina Vargas, Cedros, Faial,**  
**D. Maria C. Moniz, Lisboa,**  
**D. Maria Isabel do Carmo Medeiros, Povoação, Açores,**  
**D. Júlia Miranda de Matos, Manaus Brasil,**  
**D. Maria Oliveira, Leopoldville, Congo Belga,**  
**Soror Margarida Antich, Abadesa O. C. R., Valência, Espanha,**  
**D. Maria Alice Garcia, S. Mateus, Açores,**  
**D. Alina Marques de Campos Rodrigues dos Santos, Moçâmedes,**  
**D. Maria Stella da Costa Baptista Machado, Lisboa,**  
**Manuel Coelho Homem, Biscoitos Terceira,**  
**D. Maria Almeida Berbercia Califórnia,**  
**D. Rita de Cassia Brum, Terceira,**  
**Joaquim Bento Monteiro, Fontoura,**  
**D. Palmira Costa e Silva, Q. da Bela Vista (do Rêgo),**  
**D. Maria do Céu Neves, Sobreira,**  
**D. Cecília Melo, S. Pedro do Sul,**  
**D. Odette da Silveira Kusti, Porto,**  
**D. Maria de Lourdes dos Santos e Silva, Armamar,**  
**D. Maria Alice Trindade Pinto Carreira, Lisboa,**  
**D. Graçinda Soares, Tuias,**  
**D. Maria Fernando M. M., Sertã,**  
**D. Algeza Moreira Pereira, Aguas-Longa,**  
**D. Maria da Conceição Silva, Lisboa.**

**Agradecem outras graças**  
**D. Maria Ana Tavares Casa Nova, Portalegre,**  
**D. Ilda da Gama Tello Borgerilha, Campo Maior,**  
**D. Isabel Hermínia da Silveira, Caheta,**  
**D. Maria José de Sousa Ramos, Porto,**  
**D. Maria de Ascensão Pereira Mesquita, Pico,**  
**D. Cristina Baptista Cabral, Ponta Delgada,**  
**D. Deolinda Tavares, Arões.**

### CALENDÁRIO E ALMANAQUE de N.ª S.ª da Fátima para 1947

Cada exemplar, 1\$50; pelo correio, 1\$70. Dirigir pedidos, acompanhados da respectiva importância em selos ou vale do correio, à Administração da revista «Stella» — Cova da Iria (Fátima).

### VOZ DA FÁTIMA DESPESAS

Transporte ... ..	3.467.847\$35
Papeis, comp. e imp. do n.º 291 ... ..	21.888\$30
Franquia, Embal., Transporte do n.º 291 ... ..	4.433\$60
Na Administração ... ..	320\$00
<b>Total ... ..</b>	<b>3.494.489\$25</b>

**Esmolas desde 30\$00**  
**D. Carolina P. D. Melo e Faro, Porto, 20\$;** **D. Albertina da Silva Pereira, Moita do Ribatejo, 100\$00;** **D. Inocência de Jesus, 20\$00;** **P.º Armando Pita Domingues, Rio de Janeiro, 60\$;** **D. Maria Margarita Gaspar, Mato Grosso, 25\$00;** **P.º Mário Couto, Rio de Janeiro, 100\$00;** **José Monteiro, Lourinhã, 100\$00;** **D. Domicília Dias Pereira, Loulé, 20\$00;** **D. Maria Salomé dos Inocentes, Bragança, 80\$;** **D. Maria Teresa, Graciosa, 20\$00;**

**D. Maria da Glória Almeida, New Bedford, 50\$00;** **P.º José Faustino, Pombal, 60\$00;** **D. M. Augusta Garcia, Meireles, 20\$00;** **D. Emilia de Vasconcelos Bragança, Coimbra, 20\$;** **D. Celina Pais, Podence, 20\$00,** **D. Delfina Sant'Ana Carlos, Setúbal, 50\$00;** **D. Serafina Soares Nunes, Oakland, 95\$40.** **Várias esmolas, Moçambique, 1.433\$35;** **D. Filomena Joaze, New Bedford, 66\$00;** **Manuel Costa, New Bedford, 176\$00;** **D. Maria L. Pereira, Cambridge, 49\$00;** **D. Maria Celeste Jordão Leal Rebelo, Caria, 100\$00;** **D. Maria Deolinda Pacheco, Setúbal, 50\$00;** **Joaquim Manuel de Sequeira, Méda, 150\$00.**

**PORQUE APARECEU N.ª SENHORA NA FÁTIMA?**  
**pelo P.º Carlos de Azevedo**  
**10\$00**  
**GRÁFICA — LEIRIA**

## «Amor com amor se paga»

Nós, os portugueses, talvez ainda não tenhamos considerado bem no muito que devemos a N.ª Senhora. Deixemos já o passado, que o Santo Padre Pio XII tão maravilhosamente recordou e resumiu no seu discurso de 13 de Maio do ano findo, e atentemos só nos últimos 30 anos e no presente.

Imaginemos por um instante que a Mãe de Deus tinha escolhido outra terra estranha para aparecer em 1917, e outras almas, que não os postorinhos de Aljustrel, para lhes confiar os seus segredos e manifestar as suas vontades. Que seria hoje de Portugal? Que lugar ocuparia hoje o nosso país no concerto das nações mundiais? O descalabro em todos os sectores da vida nacional ter-se-ia acentuado; a guerra, senão a guerra civil no interior, pelo menos a guerra vinda de fora, ter-nos-ia afligido e arruinado, e o nome de Portugal não andaria por todo o mundo, como anda, pelo menos no campo religioso, aureolado com um prestígio que só quem algum dia passou as fronteiras, pode avaliar. Portugal é bem a nação predilecta, o «benjamim» de Nossa Senhora, pois Ela o escolheu para teatro das suas misericórdias, para apóstolo da sua devoção, para cabeça e gema, para exemplo de todos os demais povos.

Já pensamos no que isto significa, no que isto traz de responsabilidade para todos nós? Filhos predilectos de Maria Santíssima, obrigados a corresponder ao amor particular com que Ela nos ama e a dar testemunho dele.

É certo que o ano jubilar de 1946, ano que por vários motivos se pode chamar glorioso, quis ser e foi, graças a Deus, o ano da gratidão do povo português à sua Excelsa Padroeira, o ano da correspondência amorosa ao apelo magoado da Mãe do Céu na Cova Iria. Se mais não houvesse, bastaria a viagem triunfal da Imagem de Nossa Senhora da Fátima até Lisboa e volta, pela

margem sul do Tejo, para mostrar que Portugal não tem sido surdo nem é indiferente aos carinhos de Quem tanto lhe quer. Foi muito o que se viu, mas foi ainda muito mais o que ficou escondido no fundo dos corações, no íntimo das consciências, no sigilo dos confessionários. Oração e penitência veio Nossa Senhora pedir, e tanta, tanta se fez, por esse Portugal fora, aos pés da Senhora e de Jesus Sacramentado, em noites inteiras de vigília!

Quisemos começar a aprender e a mostrar ao mundo como se paga amor com amor. Mas o da Senhora por nós é tamanho, e o nosso, por maior que seja, fica tão longe do dela, que nunca poderemos dar-nos por plenamente satisfeitos, e quanto mais tivermos amado e trabalhado por Ela, mais fica ainda por fazer.

O ano do tricentenário acabou, mas não acabaram os disvalios da Padroeira pelo seu povo (aonde iríamos parar, se não fosse Ela aguentar-nos continuamente de sua mão?), nem há-de acabar o nosso reconhecimento, nem as mil provas de afecto, e confiança que lhe temos juntado.

«Amor com amor se paga», sim, mas um amor que se traduz em obras. Nossa Senhora deu volta a grande parte do seu Padroado, não foi para se mostrar, embora saibamos que basta só a sua presença e o seu olhar para tocar e render os corações ainda os mais duros. Foi para repetir as palavras que disse aos pastorinhos em 1917: rezai muito, fazei penitência, não ofendeis mais a Nosso Senhor, mudai de vida.

Nisto afinal se reduz a sua Mensagem. Cumprindo-a fielmente, inteiramente, sem desfalecimentos, cada vez mais e cada vez melhor, teremos correspondido ao amor de predilecção com que Nossa Senhora ama os portugueses e, o que mais é, teremos consolado o seu Coração de Mãe e feito a vontade ao seu Divino Filho.

## Crónica Financeira

Em grande parte do país, sobretudo nas zonas de pequena propriedade, o vinho é o principal recurso do lavrador. E da vinha que sai o dinheiro para pagar as contribuições e as grandes despesas da casa. O resto dá para as sardinhas e para pouco mais, quando dá.

Ora sucede que o livre jogo da lei da oferta e da procura faz com que o dinheiro do vinho seja sempre o mesmo, pouco mais ou menos, porque, se há muito, vende-se barato; e se há pouco, vende-se caro, de modo que o dinheiro que se apura muda pouco. Só numa coisa importa haver muito ou haver pouco. É que se há muito, há mais fartura e o pobre pode beber mais à vontade. Se há pouco, é preciso poupar-lo e até os remediados têm de beber água em vez de vinho.

Para compensar estas irregularidades da colheita do vinho, a Providência dispôs as coisas de tal modo que, nos anos em que o vinho é pouco, costura ser abundantíssima a produção cerealífera, justamente como sucedeu este ano, de modo que o pobre pode comer mais pão e compensar assim a falta do vinho. E do mesmo modo, quando a produção do vinho é muito boa, costuma a colheita do pão ser feaca e há-se a compensação com a falta do pão.

Mas voltando ao preço do vinho, diziamos nós que o dinheiro que o lavrador faz é sempre o mesmo, pouco mais ou menos, em virtude do livre jogo da lei da oferta e da procura, se esta lei não for torcida por qualquer intervenção intempestiva de libelamentos e requisições, porque então, ainda mesmo que a colheita seja abundante, o lavrador pode ver-se

obrigado a vender barato e não ter depois com que pagar as contribuições e as demais despesas da sua família e casa agrícola.

Ora os senhores armazenistas de Lisboa era justamente isso que estavam a preparar na sombra e com toda a cautela. Não o fizeram, porém, com tanta arte que não descobrissem o seu jogo a tempo de o signatário destas linhas os poder desmascarar na Assembleia Nacional, como fizemos na sessão de 12 de Dezembro findo. Os figurões preparavam-se para ir comprá-lo ao lavrador a rastos de barato e depois vendê-lo no mercado negro ou exportá-lo clandestinamente para o venderem a peso de ouro. O negócio era bom, era, mas este jurámos-lho nós.

O lavrador, pela própria natureza das coisas, não pode defender-se dos ataques e assaltos dos intermediários, porque estes vivem juntos nas cidades e facilmente se combinam para as suas manobras. O lavrador, esse vive espalhado pelos campos, onde moureja dia e noite, e não pode, nem tem tempo, nem feição para preparar a defesa dos seus haveres por meio de uma forte organização.

PACHECO DE AMORIM

FÁTIMA

Orotório de Ruy Coelho e Afonso Lopes Vieira, 20\$00

GRÁFICA — LEIRIA

Visado pela Censura

## Palavras Mansas

# A Maria Antónia

Volvidos dois anos, tornei a ver em Lisboa a Maria Antónia, que já faz parte da família da *Voz da Fátima*. Está mais alta e mais nutrida. O mesmo olhar vivo e doce, a mesma expressão ingénua e cândida, a cor, porém, mais distancada da cor oriental da Sulamites.

Tive assim ocasião de notar, mais uma vez como é aparentemente diversa a acção do tempo, que a tudo se atreve, como dizia Vieira. Dois anos, que adensam apressadamente a melancolia dos velhos, por via de regra tornam mais forte e mais irradiante a vida de uma criança.

O que tem sido o sol para as árvores e as roeiras do parque, tem sido para a Maria Antónia o coração que mais a ama em Lisboa e Santa Comba.

Andam na história homens públicos que nunca tiveram entre os seus braços crianças.

Tudo nos leva a crer que não tiveram. Richelieu, Cisneros, Pombal, Salisbury, Lenine... A vara da lei para eles foi como aquela vara de ferro, de que fala a Escritura. Inclementes e duros. Sombras do Dante... Sem amor na terra e sem amor também na história.

Outros há, porém, que certamente pediram beijos e inspirações às crianças. São Luis, Colbert, Washington, Canovas, Garcia Moreno...

Se uma canção espanhola diz que toda a mulher, mercê de Deus, traz no coração um menino adormecido, também se pode dizer que todo o homem, normalmente bem formado e que não discipline com doloroso excesso a sua sensibilidade, por mais que suba e domine, traz uma criança pela mão — a criança que mais ama ou então a criança que ele foi algum dia... Há um sol nascente na vida, que ainda é sol quando ela acaba...

A mensagem das crianças é muito mais complexa e providencial do que vulgarmente se imagina. Cristo, quando as chamou a si com uma ternura infinita, tinha muito que lhes dizer e muito que lhes deixar. — Agora, mais puras e mais risonhas, ide e encantai a toda a gente!

Uma mensagem nova — uma mensagem de graça, de candura, de singularidade e de meiguice...

Na vida corrente, normal, a Maria Antónia torna a casa mais atraente e confortável, é como uma flor a mais dentro dela, onde há tantas e tão finamente distribuídas. Nas horas graves, por sobre o plano em que esperam solução problemas angustiosos, quantas vezes ela terá passado como num voo gracioso, que interessa, desanuvia, equilibra e ilumina. Já lá dizia um clássico de renome que convém por vezes amansar a grandeza do coração.

A Maria Antónia familiarizou-se com a bicicleta, anda de patins no terraço e balouça-se com mais segurança, leveza e agilidade no trapézio. A mão de Salazar firme e humana, tão carinhosa sempre para ela, já tem menos que fazer.

No tocante a estudos, direi apenas que a Maria Antónia fez exame da quarta classe com distinção, para honra das suas mestras e regozijo do explicador amável e indulgente, que tanta coisa tem explicado também ao país, naquele seu estilo inconfundível — castiço, fluente e lícido. A título de prémio, foi ao Coliseu ver e ouvir os palhaços, que dizem coisas simples, ingénuas e graciosas à mistura com gestos e momicas que fazem rir as crianças. Tão atenta esteve, que desdobrou o melhor do espectáculo até nós. Memória e graça.

Não foi para a Beira no verão. Limitou-se a passar um mês no Estoril em casa da família amiga e,

com melhor letra e mais sintaxe, continuava a escrever cartas de que Salazar tem sempre conhecimento pelo importe das estampilhas quando menos. Ainda bem que não pode ser mais graciosa a cobradora desta contribuição caseira... e progressiva.

Findo o jantar, Salazar saía comigo de passeio à sombra da noite e das árvores do parque. Mas, dentro em breve, ouvia-se o passo leve e saltitante da Maria Antónia, que vinha ter connosco à pergola. Depois de limpar de folhas mortas, à luz do luar, as cadeiras de recosto, sentava-se por sua vez junto de Salazar, que a ia acariciando no rosto e nos cabelos e de quando em quando lhe falava com uma voz em que havia notas de ternura quase materna. Até que ela adormecia. Perdoava-se tudo às crianças; perdoava-se mesmo à Maria Antónia adormecer enquanto o seu grande e carinhoso amigo falava da guerra e da paz, de coisas da nossa terra e de alguns homens do nosso tempo. Se a história pudesse ouvir!

Quando se aproximava a hora do recolher, Salazar despertava a Maria Antónia, e depois de a beijar, encaminhava-a para casa. E ela lá ia hesitante e sonolenta, inteiramente esquecida das risadas do Coliseu.

Depois de se despedir de mim, Salazar ia ainda, como de costume, ao quarto da Maria Antónia beijá-la mais uma vez e ver se ela dormia agasalhada e tranquila.

Quem na vida pública é todo do seu país e na intimidade não esconde a ternura do coração, bem pode dizer com alguém que na nossa terra teve um grande nome na política e nas letras: «tenho dentro de mim a minha apologia e a origem da minha paz».

CORREIA PINTO

## Conversando

# A terra agrária e a classe agrária da população

O soberano Pontífice Pio XII, como é seu costume em audiências que concede a delegações representativas de classes sociais, dirigindo-se em 15 de novembro último à Confederação Nacional dos Agricultores Italianos e falando-lhes dos interesses que especialmente representavam, aproveitou o ensejo de expor, com notabilíssimo destaque, a doutrina tradicional da Igreja acerca da exploração da terra pela agricultura e da sua influência renovadora sobre os que a realizam como profissão principal, estendendo os seus benefícios aos outros sectores da actividade social.

A alocução do grande Pontífice, naquelas circunstâncias e deste modo expandida, é bem como um grito de chamada à ordem no meio da celeuma de contradições deste inquieto mundo em que vivemos. Em termos de intuitiva clareza convida-nos ao cumprimento do único programa de condicionalismo económico susceptível de conciliar todos os interesses espirituais e morais da sociedade, mantendo o justo apuro da pessoa humana em face do poder de iniciativa que lhe é próprio e do imperativo de sociabilidade que lhe impõe a coordenação de esforços.

Como a terra e a classe agrária são as pedras de quinal da ordem, o Santo Padre, reclama instantaneamente para elas a protecção e defesa contra as invasões, que as ameaçam, das mais extremas correntes do comunismo e do liberalismo.

Meio de melhor o conseguir se-

rá colocá-las, quanto antes, sob um regime à parte das restantes formas existentes de riquezas, para que não venham a ser, num futuro mais ou menos próximo, arrastadas na voragem de especulações que a indústria e o comércio desenvolvem por toda a parte.

Mostra-se ser este o pensamento e desejo de Sua Santidade o Papa.

Mas o que dizem e fazem os governos das Nações em matéria de tanta monta?

A Rússia Soviética propõe-se, a todo o custo, manter a comunização da terra agrária, com trabalho coagido, e a partilha dos frutos por percentagens e escalas a arbitrio dos que detêm o poder.

Roça desta maneira por uma economia pobre e insuficiente, que faz lembrar a escravatura antiga — economia anónima, estável de miséria e de passividade moral para as massas, ao lado de uma economia notória de luxo e de prazeres para os poucos que a dominam e comandam.

Os Estados Unidos da América do Norte, como acentuaram pelas suas recentes eleições gerais, reclamam, ao inverso da Rússia Soviética, que a terra agrária continue em apropriação de livre concorrência e independente ao máximo de interferências do Estado.

Tendem assim, por este caminho, cada vez mais, a concentrar as fortunas em colossais empresas, predispondo à criação de monopólios de facto e à absorp-

ção da terra agrária para especulações de interesse industrial e comercial, estiolando a classe agrária e o seu viver que são a essência da verdadeira liberdade dos povos.

Entre as Nações de sistemas intermédios, algumas há, como o México, que julgam afastar estes inconvenientes com a divisão da terra agrária por chefes de família só porque são pobres.

Os que deste modo vão, não repararam que a função social da terra agrária impõe aptidões complexas e especiais que não se improvisam e que nem todos podem ter.

A pobreza, como é geralmente sabido, procede, em grande parte, da falta destas aptidões. Não esquecer, por exemplo, o que aconteceu entre nós com a divisão dos baldios no regime monárquico constitucional e com algumas das nossas tentativas de colonização em África.

Enquanto a terra agrária e a classe agrária não tiverem assegurado um regime de protecção autónomo do das outras fontes de riqueza, o movimento crescente destas continuará a prendê-las nas suas poderosas redes de especulação para objectivos comerciais e industriais, desviando-as da sua função própria, em prejuízo da civilização cristã que é a única integralmente humana.

Oportuna e necessária é, pois, a importante alocução do Santo Padre Pio XII, em 15 de novembro último.

A. LINO NETTO